

A COMUNIDADE DE MATEUS E SUA RELAÇÃO COM O JUDAÍSMO FORMATIVO

Donizete SCARDELAI

Doutorado: Universidade de São Paulo. Programa de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica. Estudou no Centro Ecumênico para Estudos Judaicos, Instituto Ratisbonne, Jerusalém: 1990-1994. Professor de Sagrada Escritura: Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e Unisal (Campus PIO XI – São Paulo).

Resumo

O propósito deste artigo não é o estudo bíblico-exegético do Evangelho segundo Mateus. Pretende-se destacar as tensões e hostilidades acirradas que marcaram a relação entre dois grupos judaicos que coexistiram na Galileia no final do século I e.c., representados por Mateus e os fariseus. O pano de fundo histórico dessa relação conflituosa está na destruição de Jerusalém, em 70 e.c, ponto nevrálgico para uma análise do ambiente instável dessa relação. A instabilidade política, o caos social e o definhamento das principais instituições judaicas, causados por esse acontecimento, obrigaram os grupos judeus sobreviventes a reavaliarem seus conceitos, símbolos e tradições herdados do antigo Israel. Nesse cenário de tantas incertezas, o grupo farisaico, de maior prestígio popular e principal corrente judaica no fim do Segundo Templo, se fortaleceu sob a liderança dos sábios rabis. Constituídos de judeus, porém bem menos influente, os primeiros seguidores de Jesus na Galileia formaram uma pequena comunidade sugerida no Evangelho segundo Mateus. Essa comunidade, vivendo no mesmo ambiente das sinagogas judaicas lideradas pelos fariseus, começou a se indispor contra os fariseus com os quais entraria em rota de colisão. Este constitui nosso objeto de estudo.

Palavras-chave: Evangelho de Mateus, Fariseus, Judaísmo rabínico, Sinagoga, Igreja.

Abstract

The purpose of this essay is not the biblical-exegetical study of the Gospel according to Matthew. It is intended to highlight the tensions and fierce hostilities that marked the relationship between two Jewish groups that coexisted in Galilee at the end of the 1^o century BC, represented by Matthew and the Pharisees. The historical background of this conflicting relationship is found in the destruction of Jerusalem, in 70 e.c., a crucial point for an analysis of the unstable environment of this relationship. The political instability, social chaos, and the withering of the main Jewish institutions caused by this event forced the surviving Jewish groups to re-evaluate their concepts, symbols and traditions inherited from ancient Israel. In this scenario of so many uncertainties, the Pharisaic group, with the greatest popular prestige and the main Jewish current at the end of the Second Temple, strengthened under the leadership of the wise rabbis. Made up of Jews but far less influential, Jesus' early followers in Galilee formed a small

community suggested in the Gospel according to Matthew. This community, living in the same environment as the Jewish synagogues led by the Pharisees, began to alienate the Pharisees with whom it would be on a collision course. This constitutes our object of study.

Keywords: Gospel of Matthew, Pharisees, Rabbinical Judaism, Synagogue, Church.

Introdução

É comum associar as origens do cristianismo à atividade evangelizadora impulsionada por Paulo, um judeu da diáspora cujo zelo fervoroso pelas tradições judaicas marcou toda sua trajetória. Repentinamente e sem explicação razoável, porém, ele se viu compelido a romper com essas tradições para aderir à nova mensagem do Cristo ressuscitado. A suposta ruptura com o judaísmo, premissa hoje muito contestada no meio acadêmico, emerge apenas nos *Atos dos Apóstolos*, obra escrita no fim do séc. I e.c. O episódio serve de pretexto para fazer Paulo ir a Damasco, numa ação pessoal coordenada junto com autoridades judaicas interessadas em perseguir e prender cristãos (At 9). O problema aqui é a leitura superficial de *Atos* que, a propósito, permite tratamento anacrônico dispensado a Paulo. Este é retratado como fiel escudeiro do Cristo, mas sob a visão de comunidades cristão-gentias, no fim do séc. I ec, que já vivia um processo de separação com o judaísmo. Com efeito, seu personagem parece inclinado a legitimar um estágio complexo de separação entre cristãos e judeus em curso na época. Tomado como judeu radical, Paulo¹ chegara ao destino onde teve uma revelação extraordinária, episódio que induz os leitores de *Atos* a concebê-lo como um judeu convertido. Desde os primórdios, essa narrativa teria servido de pretexto para tratá-lo como um judeu desertor. Parte-se da falsa premissa de que nessa época o que hoje chamamos 'judaísmo' correspondia a um padrão doutrinal religioso homogêneo, monolítico e que atendia a todos os judeus.

¹ Para um aprofundamento sobre Paulo em relação ao judaísmo, ler a obra de Daniel BOYARIN, *A Radical Jew: Paul and the Politics of Identity*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1994; Para uma leitura sociológica sintética sobre essa questão, ver a "Introdução" à **Parte 4** do livro de Richard A. HORSLEY (org.), *Paulo e o império. Religião e poder na sociedade imperial romana*, São Paulo, Paulus, 2004, p. 205-212.

Entre a vida pública de Jesus e as primeiras produções literárias, notadamente os Evangelhos Sinóticos, transcorreu um período de quatro a cinco décadas. Sem dúvida, parece anacrônico converter o 'cristianismo' na bandeira religiosa defendida por Paulo. É dentro desse contexto marcado por grandes mudanças e definições no mundo judaico, dentro e fora da terra de Israel, que iremos tratar a relação da comunidade de Mateus com o judaísmo formativo. Comunidades primitivas seguidoras de Jesus, sejam gentias, impulsionadas por Paulo, seja a pequenina comunidade de Mateus, enraizada na Galiléia judaica, mostram 'cristianismos' insipientes ainda enveredados nas tradições judaicas que buscavam certa autonomia.

O presente artigo terá como foco o caso emblemático da comunidade de Mateus em meio às tensões e hostilidades geradas do encontro com os fariseus, na segunda metade do séc. I e.c. As principais referências acadêmicas para esse breve exame são as obras de Overman (1999) e Saldarini (2000). A tese de fundo por eles defendidas consiste em que a Galileia se tornara epicentro social dos conflitos e hostilidades entre duas visões que estavam se formando sobre o futuro de cada dentro de Israel.

Galileia

A destruição do Segundo Templo pelos romanos, em 70 e.c, obrigou os judeus sobreviventes a reavaliarem seus conceitos, símbolos e tradições herdados do glorioso passado israelita. O trágico acontecimento havia aniquilado grupos judeus influentes e suas instituições: A cúpula sacerdotal e aristocracia saducéia ligados ao templo, sacrifícios, grupos milicianos armados de resistência nacional (sicários e zelotes), além de fanáticos e piedosos de tendências diversas (apocalípticos e essênios). Nesse cenário diverso, o grupo de maior prestígio no meio popular e principal corrente judaica do Segundo Templo era representado pelos fariseus. Socialmente menos influentes e dispersos, porém, os seguidores de Jesus não podem ser subestimados, dentre os quais emergiu a pequenina comunidade de **Mateus**, segmento judeu radicado na Galileia.

Em sua fase rudimentar, a comunidade de Mateus manifesta eloquentes raízes judaicas em sua estrutura identitária. Não era constituída majoritariamente de gentios,

mas de judeus. Ocorre que essa comunidade sofreu um processo histórico-social que a faria cada vez mais marginalizada em relação ao grupo farisaico, ficando inclinada a uma aproximação com a gentilidade dentro do ambiente Galileu.

Estudos de Overman (1999) e Saldarini (2000) sugerem a Alta Galiléia como o local mais provável onde se formou a comunidade retratada no evangelho segundo Mateus. São duas as principais razões para isso.² Primeira, Mateus parece inclinado a não deixar Jesus permanecer por muito tempo fora da Galiléia durante seu ministério. Não só Jesus era Galileu, como quase todos os seus discípulos eram nativos da região. Segunda, os fariseus, cujo grupo daria origem ao judaísmo rabínico, ganham a fama de vilões por Mateus. Este, aliás, parte para o ataque dedicando aos fariseus um capítulo inteiro de seu Evangelho: *Mt 23*. Estudos reforçam (como veremos abaixo) que os fariseus buscaram refúgio na Galiléia, onde consolidaram escolas e academias rabínicas, depois que Jerusalém foi destruída.³ Foi nesse ambiente socialmente diversificado que a comunidade mateana iria se encontrar com os líderes fariseus, logo transformados em rivais por causa dos desacordos sobre o antigo Israel de que ambas se sentiam herdeiros. Há evidências na literatura da época que imortalizaram as hostilidades entre esses grupos judaicos, algumas das quais serão tratadas abaixo.

Crise de identidade: processo de liderança e exclusão

Pesquisas acadêmicas apontam que o Evangelho de Mateus é peça chave para se compreender o ambiente judaico multifacetado dentro do qual está situada a comunidade retratada em Mateus. Reascende-se o debate sobre as tensões envolvendo duas comunidades judaicas rivais: **Mateus** e a corrente majoritária **rabínico-farisaica** que estava se organizando. É um tempo especialmente crucial para a reconstrução do povo judeu em Israel, num contexto social dinâmico, plural e diversificado. No evangelho segundo Mateus, escribas e fariseus exercem

² Ver J. A. OVERMAN, *Igreja e comunidade em crise*, esp. as páginas 26-29.

³ Após Yabneh, muitas escolas rabínicas se estabeleceram em cidades e aldeias da Galileia: *Séforis*, *Tiberíades*, *Meiron*, *Kegar Mandi*, *Kefar Sisi*, *Ariah* e outras. Mas, muitas vilas e locais citados não são conhecidos. Ver Shaye J.D. COHEN, "The Place of the Rabbi in Jewish Society", In Lee I. LEVINE (org.), *The Galilee in the Late Antiquity*, The Jewish Theological Seminary of America, Cambridge, Harvard University Press, 1992, p. 160.

protagonismo negativo, fortemente criticados por assumirem papéis de líderes na condução do judaísmo rabínico após o vazio deixado com a perda do Templo. No Evangelho subjazem pistas que lançam luz sobre impactos de ordem política e social gerados pelo recente acontecimento que abalou a nação judaica. O Evangelho dá margem para uma leitura sociológica mais acurada envolvendo questões comuns à agenda judaica da época, partilhadas por pequeninas comunidades que orbitavam na orla dos judaísmos desse período.

Na agenda emerge o problema da organização da comunidade e sua liderança, conforme sugerem *Mt 16* e *Mt 18*, nos assim chamados discursos sobre a 'igreja'. Não há razão para ler 'igreja', nesse contexto, sob a estrutura religiosa institucional que viria a se firmar após o séc. II e.c, pois não se deve atribuir ao evangelho um organismo religioso independente e rigoroso chamado cristianismo (cf. Saldarini, p. 26-36). Fazendo um contraponto com os fariseus, a comunidade mateana destaca a figura de Simão, em *Mt 16*. Seu nome é alterado para Pedro que remete a "Pedra", "Rocha", metáfora consignada a reafirmar o exercício de liderança, retórica que legitima a sua comunidade 'igreja', *ekklesia*. Já em *Mt 18*, o discurso é moldado para enfatizar a conduta da igreja formada como tecido humano mais complexo. Por conseguinte, o texto em *Mt 18,15-17*⁴ reflete o ambiente social tardio, posterior a Jesus, quando a 'igreja' já começava a enfrentar dificuldades no mundo gentio, e os problemas domésticos da comunidade começavam a afetar o convívio entre seus membros. Muitos se viam incomodados frente aos rumos que a comunidade estava assumindo para se ajustar às condições da época. A palavra **igreja**, por sinal, não faz parte do vocabulário comum aos outros evangelhos para se referir à **Igreja**, tomada como local de culto e ritos.⁵

Mateus 18 trata questões referentes às crises e problemas sobre a divisão da comunidade, especialmente voltados para 'disciplina' e 'expulsão'. Os procedimentos

⁴ Para um estudo mais pormenorizado sobre essa problemática, ver J.A. OVERMAN, "Disciplina e ordem na Igreja – 18,1-35", In: *Igreja e Comunidade em Crise: O Evangelho segundo Mateus*, Paulus, 1999, p. 287-301.

⁵ A palavra *ekklesia* chegou a Paulo através da tradução grega da *Septuaginta*. E ele a emprega em seu sentido primário oriundo da fala grega, conforme conhecido no Império Romano, que significa "assembleia de cidadãos da *polis* grega". Sendo um termo político no ambiente de fala grega, *ekklesia* também comporta significado religioso proveniente do hebraico *Qahal* ('assembléia'). Incurrer-se-ia em anacronismo, portanto, traduzir *ekklesia* por "Igreja", como local institucionalizado para o culto. Cf. R.HORSLEY (org.), *Paulo e o Império*, p. 207s.

adotados por Mateus faziam parte do contexto disciplinar interno, mas pode ser encontrado em grupos sectários judaicos no século I e.c, como em *Qumran* e sugeridos também por Flávio Josefo.⁶ Mateus, na contramão do judaísmo rabínico insipiente, sente-se provocado a dar respostas em meio às dificuldades reais estressantes que o desafiam para sobreviver num ambiente social hostil. A terminologia de Mateus é semelhante à de outros grupos da época, e sua finalidade consistia em dar autonomia ao grupo. Mateus usa “ligar” e “desligar”: *“tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu, e tudo quanto desligares na terra será desligado no céu”* (Mt 18,18; Cf. Is 22,22). Esses termos trazem ecos da atmosfera social e religiosa do ‘judaísmo’ em formação. Exemplo maior pode ser constatado nos escritos de Josefo, que empregou termos iguais ou equivalentes (OVERMAN, 1999, p. 109).

Os fariseus, predecessores dos sábios rabis, lançaram mão de um eficiente instrumento na liturgia diária com a finalidade de promover o afastamento de outros judeus, hereges ou dissidentes, de *suas sinagogas*. Cabe aqui, uma breve incursão no ambiente formativo relativo à sinagoga. À luz da arqueologia, não existem evidências satisfatórias que associam a sinagoga à ‘casa’, ou construção com estrutura física definida, antes da destruição do Segundo Templo. Somente depois desse período é que sinagoga assumirá status de local de reunião para as comunidades judaicas, sob a liderança farisaico-rabínica.⁷

Um excerto no Talmude Babilônico (*TB Ber 28a*) atesta que na reformulação das “Dezoito Bênçãos” (*Shemone Ezeré*), Rabi Shmuel ha-Katan (Simeon Hapakuli) acrescentara um parágrafo litúrgico controverso, mais conhecido como ***Birkat ha-Minim***. Na reformulação litúrgica feita no período de Yabneh, chama atenção o fragmento referente à Décima Segunda Benção, dirigida contra os sectários ou heréticos judeus da época: *Que não haja esperança para os apóstatas, a menos que eles retornem à Torah, e que os nazareus e os minim pereçam num instante. Sejam*

⁶ F. JOSEFO, *Antiguidades Judaicas* XVIII,11-25; *Guerras* II,118-166; Cf. VV.AA, *Flavio Josefo. Uma testemunha do tempo dos apóstolos*, São Paulo, Paulinas, 1986, p. 44-46.

⁷ Para mais detalhes sobre o contexto social da sinagoga nos Evangelhos, ver Howard Clark KEE, “Early Christianity in the Galilee: Reassessing the Evidence from the Gospels”, In: Lee I, LEVINE (Eds.), *The Galilee in Late Antiquity*, The Jewish Theological Seminary of America, Harvard University Press, Cambridge, 1992, p. 3-22, esp. p. 10-11.

*apagados do livro da vida e não sejam inscritos entre os justos*⁸. O texto também afirma que “*Shmuel ha-Katan colocou em ordem as Dezoito Bênçãos na presença de Rabban Gamaliel, em Yabneh. E Rabban Gamaliel disse aos Sábios. Existe alguém capaz de formular o Birkat ha-Minim?*”. O alcance do termo *minim* continua objeto de muito debate. Porém, parece não haver dúvidas de que entre os principais alvos, estivesse o grupo de judeus seguidores de Jesus, originalmente identificados pelo epíteto ‘Nazarenos’ (*Notzrim*), ou, se quisermos usar termo um tanto anacrônico para a época, mas muito comum entre historiadores, os ‘Judeu-Cristãos’. Não seria exagero associar esses ‘Nazarenos’ à pequena comunidade de Mateus na Galileia. Sabe-se, porém, que mesmo entre os ‘cristãos’ originários também não havia um Cristianismo uniforme. Gedaliah ALON, por exemplo, distingue quatro segmentos de ‘Judeu-Cristãos’ na época: Ebionitas A, Ebionitas B, Nazarenos e Gnósticos-sincretistas.⁹

Esse contexto hostil, por parte de Mateus, se reflete em *Mt 23*, onde as “*sete maldições*” buscam alvejar os fariseus: *Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas [...]*. Um toque distinto no discurso, porém, chama atenção, sugerindo que Mateus acatava tanto a competência quanto a autoridade portadas pelos fariseus para interpretar Moisés: *Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem, mas não imiteis as suas ações (23,2-3)*.

Radicada na Alta Galiléia ou Baixa Síria, a comunidade mateana é a prova contundente de que os primeiros seguidores de Jesus na região mostravam-se assíduos nas práticas judaicas e na observação das tradições de Israel, não obstante formassem um grupo socialmente inexpressivo e fragilizado pela pouca adesão de outros judeus. O próprio escritor de Mateus tenta convencer os judeus sobre as credenciais de Jesus. Ao compor sua genealogia, por exemplo, faz questão de ressaltar logo no começo que *Jesus é filho de Abraão, e filho de Davi*, ou seja, um verdadeiro israelita. E tudo indica que a missão de que a comunidade se sente

⁸ Gedaliah ALON, “Jewish Christians: the Parting of the Ways”, *The Jews in Their Land in the Talmudic Age*, Jerusalem, The Magnes Press, 1980, vol.I, p. 288ss; Para outras ponderações sobre a falta de evidências que garantam a identificação de “*minim*” com os cristãos, ver o artigo de Reuven KIMELMAN, “Birkat Ha-Minim and the Lack of Evidence for an Anti-Christian Jewish Prayer in Late Antiquity”, *Jewish and Christian Self-Definition*, Edited by E.E. SANDERS et.al, Vol.2, Philadelphia, Fortress Press, 1981, p. 226-244.

⁹ Ver as características de cada segmento em G. ALON, op.cit, p. 294ss.

portadora encontra-se na sua inconfundível relação com o povo judeu, legitimada na boca de Jesus: *Dirigi-vos, antes, às ovelhas perdidas, desgarradas, de Israel* (Mt 10,6). Essa ordem de Jesus sugere que Mateus pretende reforçar que a missão dos discípulos precisa começar pela Galileia, área geográfica e terra integrante de Israel, não obstante rejeitada por outros judeus (OVERMAN, 1999, p. 168).

De Jerusalém à Galileia.

Naturalmente, a destruição do Templo privou os judeus de toda organização sacrificial que existia, deixando obsoletas as funções exercidas pelos sacerdotes e levitas. Coube aos sábios rabis, as novas lideranças provenientes da corrente farisaica, tomar a dianteira no processo que daria curso à reconstrução religioso-espiritual e social judaica após o Segundo Templo. A reconstrução desse período, liderada pelos sábios *tannaitas* da era da *Mishnah* (séc. I-II e.c), se confunde com o sábio Yohanan ben Zakai. Seu papel pioneiro nesse processo foi transmitido por meio de uma narrativa talmúdica de fundo lendário (***TB Gittin* 56b**). Diz que durante o cerco do exército romano a Jerusalém o futuro imperador romano Vespasiano teria tratado Ben Zakai com benevolência. Vespasiano, suposto amigo de Ben Zakai, teria lhe concedido garantias para se refugiar num povoado chamado Yabneh, onde teria fundado a primeira escola rabínica dedicada ao estudo da Torah, por volta de 80-90 e.c. O relato talmúdico, no entanto, sugere legitimar a transferência da liderança religiosa sacerdotal de Jerusalém para o novo núcleo de lideranças que estava se organizando não muito longe dali, em Yabneh, logo depois que o Templo foi arrasado. Segundo o relato do Talmude, Zakai teria implorado ao futuro imperador romano, Vespasiano, para poupar Yabneh da destruição, dirigindo-lhe apenas um pedido: *Dê-me Yabneh e seus sábios*.¹⁰ Lenda ou não, o fato é que poupada da destruição, Yabneh viria a se tornar referência da primeira academia rabínica em Israel.

Estudos sociológicos e arqueológicos fornecem provas abundantes sobre as ondas migratórias de judeus na Galiléia pós Jerusalém ser reduzida a ruínas.¹¹ Nesse

¹⁰ Ver Donizete SCARDELAI, *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico*, Paulus, 2008, p. 145-6.

¹¹ Ver Lee I. LEVINE, "The Sages and the Synagogue in Late Antiquity: The Evidence of the Galilee", In: In: Lee I, LEVINE (Eds.), *The Galilee in Late Antiquity*, The Jewish Theological Seminary of America, Harvard University Press, Cambridge, 1992, p. 3-22, esp. p. 201-222.

contexto, lideranças farisaicas teriam se refugiado em aldeias da Galiléia, locais onde tentavam reconstruir suas próprias tradições sobre a pertença a Israel. Graças à estrutura social, litúrgico-religiosa já estabelecida, plenamente revigorada no ambiente sinagoga, bem como sua ambientação posterior ao contexto das academias para o estudo das Escrituras, os sábios rabis mantiveram o judaísmo em curso enquanto reagiam às crises que emergiam à sua volta. E, de fato, pesquisas arqueológicas na Galiléia, principalmente em *Beit Shearim* e Tiberíades, revelam quão influentes estes centros se tornaram para a erudição rabínica, testemunhando extraordinária efervescência cultural que o judaísmo gozava sob os sábios *tannaim*, no período da *mishná*.

Dissensões e intrigas: sinagoga e igreja.

O fato, por exemplo, de Mateus usar um termo grego corrente na época para suas assembleias, *ekklésia* (Mt 16,18 e 18,18-19), não significa que seus membros deixaram de ser judeus ou que pretendiam se separar de Israel. *Ekklésia* (“igreja”) pretende designar o grupo menor de Mateus, contrastando-o com seus adversários imediatos que formavam a comunidade judaica maior: os fariseus. Tanto *ekklésia* quanto *synagogé* são termos gregos usados para traduzir assembleia (do hebraico bíblico *Qahal* – Dt 31,30) os quais, a rigor, não devem ser empregados para contrastar igreja cristã e sinagoga judaica. Ou seja, *ekklésia* ainda não designa o sentido técnico da “Igreja” institucionalizada contra outro suposto termo técnico judaico de sinagoga. É preciso, antes, verificar as implicações das reivindicações feitas por Mateus contra seus adversários diretos. Se de um lado, a “assembleia” (*sinagoga*) dos fariseus os identificava como comunidade eleita de Israel, também a “assembleia” (*ekklésia*) mateana, sendo orientada pelos ensinamentos de Jesus, formava uma comunidade de Israel. Saldarini (2000, p. 194) propõe, então, que “o uso de *ekklésia* em Mateus deve ser determinado a partir do contexto literário e social imediato e não pelo uso em outra literatura cristã”. Do ponto de vista sociológico, “a comunidade mateana compõe uma frágil minoria que ainda se considera judaica, sendo assim identificada por outros

da comunidade judaica”.¹² Ou seja, no ambiente comunitário judaico do século I e.c., o desenvolvimento da *ekklésia* mateana não deve ser avaliada como termo técnico para justificar a existência de comunidades gentias institucionalizadas fora da terra de Israel conforme viria a ocorrer mais tarde.

Lançando um olhar mais amplo sobre o material de Mateus, a experiência da comunidade que ele represente constitui testemunha viva da literatura judaica de protesto no período imediatamente após a destruição do Segundo Templo. Nas exposições de Mateus são empregadas diversas fontes judaicas com a finalidade de reforçar uma base consistente, dando-lhe legitimidade como grupo herdeiro das tradições de Israel. É o que podemos constatar especialmente em *Mt 5,17*. Coloca-se na boca de Jesus o mesmo princípio que rege, implicitamente, a autoridade rabínica sobre a Tora: *Eu não vim abolir a Torah*.

O evangelho, escrito por volta de 85/90 e.c., manifesta preocupação particular com o futuro e sobrevivência de seu grupo num tempo de incertezas causadas pela destruição de Jerusalém. Questionamentos sobre qual seria o futuro da nação estavam na ordem do dia. Acrescenta-se a esse quadro social complexo e intrincado a emergência das novas lideranças e dirigentes judeus, os fariseus-rabis. Desde a época de Esdras, os *soferim* (escribas) já eram vistos como relevantes componentes na formação de lideranças locais com a função de educadores do povo nas cidades e pequenas aldeias (*Esd 2,1* e *Ne 7,6*). Constituíam irmandades leigas treinadas na arte da escrita e no exercício da leitura pública semanal da Torah e na liturgia do *Shabbat*. Suas atividades faziam evoluir os estudos das Escrituras em direção à interpretação da Torah, até se firmar como cultura da interpretação. Mais tarde, os *soferim* foram sucedidos pelos *zugot* (pares) e pelos *fariseus*, atingindo o ápice com as gerações de sábios *tanaim* e *amoraim*, estes já no período do cristianismo.

Sendo comunidade originária no seio do judaísmo no final do Segundo Templo, não se deve ignorar um importante pressuposto da relação de Mateus com a tradição de Israel, segundo o qual “os limites entre o Judaísmo e o Cristianismo emergente [ainda] não estavam firmemente estabelecidos no fim do séc. I, em especial no

¹² Anthony SALDARINI, “The Gospel of Matthew and Jewish-Christian Conflict in Galilee”, In: Lee I, LEVINE (Eds.), *The Galilee in Late Antiquity*, The Jewish Theological Seminary of America, Harvard University Press, Cambridge, 1992, p. 23.

ambiente de Mateus” (SALDARINI, 2000, p. 271). Sendo, a propósito, um grupo diretamente afetado pelas transformações no interior dos ‘judaísmos’, na Terra de Israel, após a destruição do Templo, Mateus se vê obrigado a travar um indigesto debate com o principal grupo oponente de seu tempo. Mas, a época em que Mateus redige os discursos está separada em, aproximadamente, cinquenta anos em relação ao Jesus histórico, o que implica reconhecer que os maiores rivais de Mateus (os fariseus) foram deslocados da época de Jesus a fim de responder aos desafios da comunidade judaica nos tempos da comunidade mateana. Era preciso repensar o destino e a sobrevivência de seu grupo e, com isso, o destino do povo eleito de Israel com o qual seu grupo se identificava.

Como recuperar o alcance original do confronto entre Mateus e os fariseus? Uma leitura superficial do evangelho revela conflitos mal resolvidos, pois não tiveram continuidade nem no seio do cristianismo. Parte desses conflitos locais, quando interpretados fora do contexto original de Mateus, tende a acirrar ainda mais as polêmicas mediante discursos apologéticos e tendenciosos, fazendo o cristianismo e o judaísmo religiões independentes e rivais ainda no séc. I e.c. Verifica-se que na medida em que o cristianismo evoluía como religião do Império (séc. II-IV e.c), alienando Jesus da história do povo judeu, o cristianismo também inviabilizava sua volta ao berço da experiência socioreligiosa original, isto é, a ‘sinagoga’ judaica dos tempos de Jesus. No século IV, cristianismo e judaísmo tornavam-se religiões rivais. O evangelho de Mateus, considerado o mais judeu de todos os escritos do Novo Testamento, seria então convertido no discurso apologético de um Jesus enfurecido contra os judeus, inicialmente representados pelos fariseus da época de Mateus. Extraído do seu contexto judaico local, imediato, marcado por tensões teológicas oriundas da interpretação da Escritura, o Evangelho passaria a ganhar estranho ranço antijudaico, podendo se converter em perigoso veneno antisemita. Mas não por culpa de Mateus! O que era para ser um debate teológico localizado, construído por Mateus para rebater os fariseus de seu tempo, adquiriu ares antijudaicos, acalorados e agressivos (*Mt 23*). Isso se deve, em grande parte, aos intérpretes de Mateus que tendiam a ignorar o calor imediato dos debates originais ocorridos num ambiente de rivalidade entre grupos judaicos dissidentes.

Ao travar embate com os fariseus, a comunidade de Mateus tenta marcar seu 'território' na luta para se manter viva à luz das tradições de Israel, após o Segundo Templo (70 dC). A comunidade, mesmo enredada no judaísmo, tornava-se independente de outras forças sectárias judaicas que se formavam nesse período. Ao se posicionar como **verdadeiro Israel**, a comunidade entra em choque com os judeus fariseus. O Evangelho passa a convicção de que sua fidelidade às tradições de Israel é integral, subordinada a Moisés, à Torah (*Mt* 5,17-20). A comunidade sentia-se determinada a cumprir todos os preceitos da Torah, não obstante assumisse divergências com outros grupos judeus quanto à sua interpretação. O que mais importa é o cumprimento da Torah, amparado e determinado pela interpretação que lhe dá legitimidade. Conforme pondera Overman (1999, p.95), "Como no judaísmo formativo, a comunidade de Mateus estava desenvolvendo um meio pelo qual a Lei tinha de ser interpretada e aplicada [...] Um verdadeiro entendimento da Lei envolve *agir* segundo a Lei".

Inserido, portanto, num universo social judaico plural e diversificado, Mateus deve ser visto como um grupo judeu dissidente menor, com tendência a se afastar do eixo gravitacional mais influente na época: os fariseus. Mostrando-se preocupado com a sobrevivência ameaçada da comunidade, Mateus se vê compelido a recorrer às tradições judaicas para se autoafirmar frente aos fariseus, seus adversários.

Da retórica às divergências teológicas.

Assim como o judaísmo-formativo, desenvolvido sob a liderança rabínica, também a comunidade mateana sentia-se compelida a buscar a própria autonomia num ambiente de conflito e hostilidade. A independência implicava um custo social alto, carregado de tensão. Distanciar-se do grupo dominante, os fariseus, equivale a ter que desenvolver regras, valores e normas de conduta próprias para garantir a unidade interna dos membros que compunham a *ekklesia*. Mas, esse processo teve efeito contrário e acabou isolando ainda mais a pequenina comunidade de outros círculos judeus na Galileia. Esse isolamento acabou selando o seu destino e decretando seu desaparecimento inevitável algumas décadas mais tarde.

Uma leitura sobre o ambiente de Mateus exige, a propósito, avaliar a produção intelectual e teológica do evangelho como um todo. Dois aspectos merecem destaque:

Primeiro, acredita-se que a história de Jesus, descrita no evangelho, está construída sobre certa tendência apologética que aponta o cumprimento das Escrituras hebraicas. Nela, há um claro esforço em descrever Jesus como o “**Novo Moisés**” que cumpre todas as promessas de Deus feitas a Israel (*Mt 1 e 5-7*). Mateus parece preocupado com sua comunidade, e se coloca como vítima da má compreensão por parte dos fariseus em relação à sua recente história de Jesus. Sem dúvida, o diálogo hostil e pouco amistoso que Mateus parece assumir em relação aos fariseus é marcado por profundas divergências teológicas entre duas comunidades judaicas. Igual a dois irmãos em conflito permanente, essa história é recorrente nas tradições bíblicas: *Caim e Abel (Gn 4)*, *Esaú e Jacó (Gn 25,19ss)*, *Judá e José (Gn 37)*. O ponto alto dessas discórdias intrigantes, antes de serem transformadas em controversas antijudaicas generalizadas, se encontra no âmbito da interpretação das Escrituras. Enquanto Mateus passa a convicção de que em Jesus a Torah se realiza por completo, condição da sua pertença à história de Israel e às práticas judaicas que a identificam como comunidade, os fariseus haviam definido que toda autoridade da Torah repousava em Moisés.

Entregue por Deus a Moisés no monte Sinai, a Torah reunia duas naturezas divinas sob uma mesma autoridade: *Escrita e Oral*. Ninguém poderia interpretá-la dispensando a primazia de Moisés, cuja autoridade suprema lhe foi outorgada por Deus. De fato, Mateus não nega isso, conforme inferido em *Mt 5: Não penseis que vim abolir a Torah e os Profetas [...] Até que passem o céu e a terra, não será omitido um só ‘i’, uma só vírgula (5,17-18)*. No entanto, ele também sugere ser Jesus mestre e maior autoridade da Torah. Após ratificar Moisés: *Ouvistes que foi dito*, o Evangelho sugere romper com os fariseus ao completar: ***Eu, porém, vos digo [...]*** (*Mt 5,28.32ss*). Com efeito, a autoridade pessoal de Jesus é o ponto de atrito e discordância com o judaísmo rabínico. Eis o ponto de inflexão entre as duas comunidades.

Um dos eixos temáticos em maior evidencia idealizado por Mateus encontra-se na relação entre Moisés e Jesus. Jesus é o Messias anunciado e prometido a Israel em cuja direção converge toda história de Israel. O Evangelho, no entanto, dialoga com as tradições judaicas da época para construir narrativas sobre Jesus como um

verdadeiro israelita, estabelecendo paralelos sutis com as tradições de Israel. O recurso *midráshico* é um exemplo esclarecedor a esse respeito, conforme os excertos destacados abaixo:

1 - Jesus é filho de Israel, nascido da linhagem real davídica. E ele não é apenas “filho de Davi”, como também “filho de Abraão” (Mt 1,1). Na genealogia procura-se legitimar que todas as profecias das Escrituras se cumpriram.

2 - Assim como Moisés subiu ao Monte Sinai para receber a Torah (Ex 19,3ss), também Jesus *sobe à montanha* para ensinar seus discípulos, tornando-se ele próprio a Torah viva. Essa fusão entre Jesus e a Torah é, obviamente, rejeitada pelos mestres fariseus. Para Mateus, por sua vez, é o que dá autoridade a Jesus para interpretar Moisés sob as *Bem-Aventuranças* (Mt 5,1-12). Vale ressaltar, no entanto, que Mateus, faz questão de esclarecer que Jesus não veio abolir a Torah.

3 - Nascimento do libertador: Moisés (Ex 1) e Jesus (Mt 1,18ss). Essa narrativa traça um paralelo entre ambas as crianças recém nascidas: Moisés fora perseguido pelo Faraó quando este foi informado que um libertador iria em breve libertar os hebreus (Ex 1,22); Para Mateus, Jesus também teve sua vida ameaçada, desta feita pelo cruel rei Herodes. Este, ao ordenar a morte de todas as crianças em Belém (Mt 2,16-18), obrigou os pais do menino a se refugiarem no Egito para salvá-lo (Ex 2,15 = Mt 2,13ss).

Segundo, existe uma coerência tão marcante quanto singular no modo do escriba Mateus expor a base da fé judaica, ao interpretar as Escrituras. É notável, por exemplo, a estrutura ou método exegético adotado na elaboração de Mt 5,17-18. Os “Cinco Discursos” proferidos por Jesus, exclusivos de Mateus, são a clara evidencia de buscar harmonizar seus ensinamentos a Moisés, aos cinco livros da Torah.¹³ Chamado de *Discurso da Montanha* (Mt 5-7) pelas edições bíblicas cristãs, é plausível associá-lo a uma exposição homilética sobre versos extraídos da Torah que, acrescidos de comentários, muito se aproxima da exposição *Derashá* (FLUSSER, 1988, p. 494).¹⁴ Os mestres já estavam habituados com esse tipo de trabalho

¹³ São assim delineados: “Sermão na Montanha” (Mt 5-7); “Discurso missionário” (Mt 10); “Discurso em parábolas” (Mt 13); “Discurso sobre a igreja” (Mt 18); “Discurso do Reino” (Mt 23-25).

¹⁴ Essa sugestão de David FLUSSER é, a propósito, muito interessante por revelar um costume judaico muito em voga na tradição judaica de estudar as Escrituras. “A rabbinic parallel to the Sermon on the Mount”. In: *Judaism and the origin of Christianity*. (1988,p. 494).

exegético da Escritura, especialmente durante as assembleias nas sinagogas. *Mt 5,17* inicia expondo o alicerce sobre o qual repousará o restante de seu discurso. Reconhece-se, pois, a principal premissa da qual dependem todas as outras: *Jesus não veio revogar a Torah, nem os Profetas*. Em seguida, sublinha que *violar um só desses preceitos e ensinar os outros a fazerem o mesmo* implica em *ser chamado menor*. Esse ensinamento é soberano e nada que lhe seja acrescido poderá suprimi-lo da concepção rabínico-judaica. Flusser sugere a existência de um substrato fundamental, remanescente da tradição judaica e que a comunidade de Mateus fez questão de manter vivo. Esse substrato consiste em que transgredir um único preceito, seja o mais leve, implica em induzir à transgressão de outro maior (Flusser, 1988, p. 495).

Terceiro, reforçando o que já se afirmou no início, Mateus traz ecos de um período de dissensões entre segmentos judaicos locais que estavam se disseminando. Mas, divergências ou rivalidades entre grupos sociais não surgem da noite para o dia. Essa é uma tendência já presente entre os judeus desde o final do Segundo Templo, situação que tendia a se agravar ainda mais, como de fato ocorreu, após a destruição de Jerusalém (70 e.c). Fazia parte dessas narrativas o tom agressivo e hostil com que um grupo se dirigia contra outro. A comunidade judaica de *Qumran*, por exemplo, cujas origens remontam à época anterior à destruição de Jerusalém, testemunha a realidade hostil que cercava certos grupos judaicos na época. O contexto vital dessa rivalidade pode ser iluminado pelos *Manuscritos do Mar Morto*. Sob esse pano de fundo, a comunidade de Mateus cunhou um termo que, sendo sinônimo de sinagoga, em grego, fora usado para identificar o ambiente em que seu grupo se reúne, sem negar o contexto original da assembleia judaica, a *Qahal*. *Ekklesia*, termo grego correspondente a *synagogué* (*Mt 16,18 e 18,17*), reflete as tensões internas presentes nos judaísmos da época. Mateus não abre mão do direito de salvaguardar o lugar ocupado pela sua comunidade como “novo Israel”. Sua retórica parece comum a outros segmentos judeus que também buscavam justificar sua pertença a Israel. Os documentos de *Qumran*, por exemplo, testemunham uma comunidade judaica muito ativa até seu desaparecimento na guerra judaica de 66-73 d.C.

Conclusão

O Evangelho segundo Mateus oferece componentes sociais e religiosos latentes dentro do largo horizonte em que se deu a formação e o colapso dos grupos judaicos no fim do Segundo Templo. Traz em seu bojo a história de um grupo judeu minoritário, uma frágil comunidade cujo desaparecimento foi definitivamente selado poucas décadas após o desastre que arrasou a nação judaica, em 70 e.c. Seu colapso final ocorreu, provavelmente, como consequência inevitável da guerra de *Bar Kokhbá* (135 e.c.) perante a qual o grupo, por não partilhar da mesma causa messiânica protagonizada por *Kokhbá*, e enfraquecida pela falta de uma estrutura social que a fizesse resistir, acabou sendo vítima de suas próprias convicções e fadada ao desaparecimento. No contexto social, a comunidade de Mateus é fruto de ambiguidades e crises que marcaram o ambiente sectário judaico desde o final do Segundo Templo. As tensões surgidas com a destruição do Templo levaram a comunidade a entrar em conflito direto com o principal grupo remanescente judeu, os fariseus, seus adversários imediatos.

O evangelho sugere um quadro social diverso e dinâmico condizente com os 'judaísmos', marcado por fortes hostilidades e acusações contra os fariseus. Esse tipo de comportamento hostil é próprio de ambientes sociais instáveis, caracterizados por súbitas alterações na ordem institucional vigente. A causa iminente dessa instabilidade foi, sem dúvida, a destruição do Templo pelos romanos. Após esse tempo, emergiram dissidências entre grupos rivais, evidenciadas em forma de hostilidades e ressentimentos. Assim, as hostilidades dos judeus mateanos contra os fariseus sinalizam o estágio inicial de uma crise que se desenrolou entre dois grupos judeus rivais. Em tempos tardios, quando tais ressentimentos locais passaram a ser lidos fora do contexto imediato, as hostilidades de Mateus contra os fariseus foram transformadas num confronto mais agressivo e, mais tarde, usados para contrastar o cristianismo e o judaísmo de forma mais abrangente. Nem o próprio Paulo parece ter escapado de interpretações descontextualizadas. Ao ser assumido como uma espécie de arauto do 'antijudaísmo', a narrativa do judeu 'convertido' Paulo (*At 9*) contribuiu para construir a apologia do Cristianismo *versus* povo judeu.

Mateus e os fariseus testemunham um ambiente judaico comum partilhado por grupos locais que estavam buscando a própria identidade. Desse encontro nasceram

profundos desacordos teológicos, que tendiam a se tornar uma bandeira no processo que levaria à separação entre cristianismo e judaísmo em tempos tardios. Em sua base sócio teológica, o comportamento da comunidade de Mateus só é compreensível se circunscrito ao ambiente judaico de seu tempo. Sua posição “anti-farisaica”, não obstante tenha contribuído para envenenar as relações com os judeus séculos afora, servindo até de lamentável combustível para o antissemitismo e a *Shoah*, requer ponderação, pois não expressa a atitude dos primeiros cristãos em relação ao povo judeu. Em tempos mais recentes, o Concílio Vaticano II chegou a eliminar do missal romano a invocação ‘pérfidos judeus’ na qual a liturgia da sexta-feira santa pedia a conversão dos judeus,¹⁵ Essa discussão, porém, merece ser tratada em outro momento.

Referências

FLUSSER, David. A Rabbinic Parallel of the Sermon on the Moun. In: **Judaism and the Origins of Christianity**. Jerusalém: Magnes Press, 1988. p. 494-508 (essa obra já se encontra traduzida. Publicada em português pela editora Imago, com o título *Judaísmo e as origens do Cristianismo*).

LEVINE, Lee I (editor). **The Galilee in Late Antiquity**. The Jewish Theological Seminary of America, Harvard University Press, Cambridge, 1992.

OVERMAN, J. Andrew. **Igreja e Comunidade em Crise: O Evangelho Segundo Mateus**, Paulinas, 1999.

_____. **O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo: O mundo social da comunidade de Mateus**, Loyola, 1997.

SALDARINI, Anthony J. **A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus**, Paulinas, 2000.

SCARDELAI, Donizete. **Da religião bíblica ao judaísmo rabínico**. As origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu, Paulus, 2008.

¹⁵Não vem ao caso debater aqui os detalhes semânticos que cercam o termo latim ‘pérfido’, nem comentar os diversos significados decorrentes das reformulações litúrgicas até sua suspensão pelo Concílio. Quero apenas registrar e destacar a renovada postura da Igreja em relação ao povo judeu, mudanças que acompanham os novos ventos que sopram do Concílio Vaticano II, sobretudo no documento *Nostra Aetate*. Sobre a urgência de uma renovada compreensão do povo judeu pelos cristãos, ver o documento da Pontifícia Comissão Bíblica, *O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*, Paulinas, 2002.